

Sumário

Artigos e Comentários

9 O atentado contra *Charlie Hebdo*

Renato Janine Ribeiro

O atentado contra o semanário satírico *Charlie Hebdo* foi interpretado por muitos como parte de um conflito entre extremistas muçulmanos e um jornal em campanha quase sistemática contra o Islã extremista. Este artigo argumenta que é um erro entender *Charlie Hebdo* assim. *Charlie Hebdo* não foi nem é especialmente dedicado a questões de relações exteriores, menos ainda a um choque de culturas. Ele foi e deverá continuar sendo um veículo satírico, de esquerda, anticlerical e, a seu talvez estranho modo, iluminista. Sobre como combater o terror como ele se caracteriza atualmente, o artigo defende que é preciso dissuadir o vasto público de jovens muçulmanos, sobretudo homens, na Europa, Oriente Médio e Estados Unidos, dispostos a acolher a mensagem terrorista e a reproduzi-la.

21 Decifrando a crise no Oriente Médio

Bernardo Sorj

Os processos em curso no Oriente Médio expressam o que foi reprimido pela divisão do Império Otomano entre as potências vitoriosas (particularmente, Inglaterra e França) após a Primeira Guerra Mundial. Esse retorno foi mediado por diferentes fatores, como os fracassos das ditaduras modernizadoras, a economia do petróleo, a intervenção das potências internacionais e o ressurgimento político-religioso. Além desses processos, outros ajudam a entender o quadro atual: a persistência dos laços de família ampliada e lealdades aos clãs, que limitam a individualização; a reação patriarcalista frente a um mundo ocidental que aprofunda a liberação feminina; características intrínsecas da religião muçulmana que travam o surgimento de tendências reformistas; além dos problemas de pobreza e de baixo nível de escolaridade, que facilitam a entrada de organizações paraestatais que provêm serviços sociais.

33 Estados Unidos-Cuba: fim da Guerra Fria

Luis Fernando Ayerbe

Apesar da surpresa com que foi recebido o anúncio por Barack Obama e Raúl Castro de que EUA e Cuba decidiram encaminhar o restabelecimento de relações diplomáticas bilaterais, ele não foi um ponto fora da curva. O artigo mostra cinco aspectos que vinham se desenvolvendo fazia tempo nas duas nações e no subcontinente e permitiam antecipar esse desenlace, o qual, do ponto de vista específico dos EUA, mostra que o presidente Obama está disposto a introduzir na agenda política nacional

47 Mercosul e política externa brasileira. NAFTA e comércio exterior mexicano.

Crises e desafios.

Sergio Abreu e Lima Florêncio

Comentário

75 Pepe Mujica e o novo populismo sul-americano

Marcos Castrioto de Azambuja

79 A OMC tem futuro?

Clodoaldo Huguency

87 Impasse nas negociações sobre mudança climática

Alcindo Gonçalves

temas capazes de acirrar ainda mais as relações de seu governo com a maioria oposicionista no Congresso, com consequências difíceis de prever.

NAFTA e Mercosul entram em suas terceiras décadas de vida em momentos distintos. O Mercosul enfrenta uma de suas maiores crises, resultado de diversos fatores, entre eles o fato de a política externa brasileira no governo Lula não lhe ter dado prioridade, a ponto de ter permitido e incentivado a criação de outros organismos regionais mais ideologizados e políticos, que lhe retiraram relevância. O NAFTA, embora tenha viabilizado crescimento exponencial da exportação de produtos industrializados mexicanos, também ajudou a ocasionar sérios problemas sociais no México e pouco acrescentou de valor agregado em sua cadeia produtiva. De todo modo, o México parece mais bem equipado que o Brasil para enfrentar os desafios da globalização.

Após cinco anos no poder, Pepe Mujica se transformou num dos personagens mais admirados do cenário político internacional. A eleição de Tabaré Vázquez, a quem ele havia sucedido, para sucedê-lo garante a continuidade no Uruguai de um projeto de centro-esquerda que se distingue do bolivarianismo. Mais do que isso, Mujica garante para si uma celebridade mundial que poucos de seus compatriotas conquistaram.

A Organização Mundial do Comércio vive um momento decisivo. A difícil situação econômica e as mudanças estruturais por que passa a entidade criam um cenário complicado para a conclusão da Rodada Doha e, em consequência para a própria sobrevivência da OMC, apesar dos ingentes esforços, às vezes ao menos parcialmente bem-sucedidos, de seu diretor-geral, o brasileiro Roberto de Azevêdo. Para o Brasil, como grande exportador agrícola e país que mantém níveis muito reduzidos de apoio doméstico à sua agricultura e não subsidia suas exportações, a conclusão da Rodada será um passo importante para trazer a área de agricultura para dentro das regras da OMC. O sucesso, favorável a todos, depende de uma ativa participação do Brasil, tanto porque interesses fundamentais brasileiros estão em jogo no futuro do sistema multilateral de comércio, como porque a partir da Rodada de Doha o papel brasileiro na OMC cresceu.

Cada vez mais consensuais na comunidade científica, embora ainda não unânimes, as conclusões sobre as potencialmente terríveis consequências humanitárias do processo de mudança climática caso não sejam invertidas, exigem ações dos agentes públicos internacionais. Desde a entrada em vigor da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática, em 1994, 20 Conferências das Partes (COPs), reunindo todos os países que a ratificaram, aconteceram. As negociações em torno do tema não têm, entretanto, avançado no ritmo e proporção necessários. A participação da sociedade civil global é fundamental para forçar e criar condições de respostas mais ágeis e efetivas aos problemas que ameaçam o futuro do planeta.

- 105 De Ébola ao ebola ou Bacilos, vírus e a (des)ordem internacional**
José Manoel Bertolote

No início de 2014 uma nova ameaça, vinda da África, ocupou o noticiário internacional. Não se tratava de nenhum grupo político ou religioso, mas de um minúsculo vírus, despido de qualquer dos fundamentalismos conhecidos ou suspeitados. Mesmo antes da constituição dos Estados modernos, a interação entre certas doenças e as relações “internacionais” sempre foi complexa. No mundo contemporâneo, os problemas causados por ela são ainda mais intensos. O artigo faz uma análise histórica desse tipo de problema e conclui que um pouco de conhecimento da história e do *modus operandi* de grandes organizações internacionais nos permitiria evitar determinados erros recorrentes e gastos inúteis e desnecessários, sempre que aliados a uma boa dose de boa vontade isenta de viseiras ideológicas.

- 117 De Benghazi, uma flor**
Daniel Afonso da Silva

O artigo relata como EUA, Reino Unido e França lideraram o processo de aprovação da resolução 1973 do Conselho de Segurança da ONU que autorizou ações que puseram fim ao regime de Gaddafi na Líbia, sem o apoio do Brasil, apesar de o anúncio do apoio militar dos EUA ao esforço internacional dos opositores do ditador líbio ter sido feito pelo presidente Barack Obama quando ele estava em visita oficial ao país.

- 129 História e política externa: contribuições da historiografia argentina para o pensamento latino-americano em relações internacionais (1940-2005)**
Fábio Albergaria de Queiroz
Eduardo Viola

A partir da análise da produção historiográfica acadêmica argentina, o artigo busca analisar a contribuição de um seletivo grupo de historiadores para a construção de um pensamento latino-americano de relações internacionais. Para alcançar esse objetivo, o artigo perscruta o trabalho de Juan Carlos Puig, Mario Rapoport, Carlos Escudé e Raul Bernal-Meza, entre outros, na cobertura de proeminentes eventos nas últimas seis décadas da história da Argentina e de sua política externa.

Passagens

- 145 Luciano Martins (1934-2014): as virtudes do intelectual**
Gelson Fonseca Jr.

- 149 Luciano Martins (1934-2014): o sociólogo e os problemas do desenvolvimento brasileiro**
Alzira Alves de Abreu

O Mundo na Ficção

- 151 Muro de Berlim que veio abaixo não era de concreto armado**
Thomas Brussig, Wie es leuchtet
Thomas Brussig, O charuto apagado de Churchill
Helga Hoffmann

Livros

- 159** *Cinquenta anos esta noite – o golpe, a ditadura e o exílio*
José Serra
Fernando Henrique Cardoso
- 165** *Cinquenta anos esta noite – o golpe, a ditadura e o exílio*
José Serra
José de Souza Martins
- 171** *Scholars, Policymakers, and International Affairs. Finding Common Cause*
Abraham F. Lowenthal
Mariano E. Bertucci
Paulo Sotero
- 178** *Aposta em Teerã: o Acordo Nuclear entre Brasil, Turquia e Irã*
Luiz Felipe Lampreia
Marcos Castrioto de Azambuja
- 182** *Aposta em Teerã: o Acordo Nuclear entre Brasil, Turquia e Irã*
Luiz Felipe Lampreia
Samy Adghirni
- 188** *How India Became Territorial: Foreign Policy, Diaspora, Geopolitics*
Itty Abraham
Monica Hirst

Documentos

- 195** Discurso de posse como ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil
Mauro Vieira
- 201** Discurso de abertura da Sessão Plena das Nações Unidas consagrada ao recrudescimento do antissemitismo no mundo
Bernard Henri-Lévy
- 207** Discurso de agradecimento pelo título de professor emérito da USP
Celso Lafer

**211 Apresentação de Celso Lafer na
cerimônia de entrega do título de
professor emérito da Universidade
de São Paulo**

Cláudia Perrone-Moisés

215 Relatório Cuba

Bernardo Sorj

Sergio Fausto

Carta dos editores

O ano de 2015 começou com diversos fatos preocupantes no campo das relações internacionais. Atentados violentos contra a liberdade de expressão e de caráter antisemita na França, Dinamarca e Bélgica, por exemplo, mostram que a questão do terrorismo ganha relevância, desta vez a partir da Europa, onde muitos adolescentes são atraídos e recrutados por organizações islâmicas radicais. O aumento da atuação do Estado Islâmico em áreas de Iraque e Síria, onde sua ocupação de território cresce, bem como o número de execuções de seus prisioneiros, torna a conjuntura do Oriente Médio ainda mais imprevisível.

Esse conjunto de problemas é abordado nesta edição por meio de três artigos: o do filósofo Renato Janine Ribeiro, que se concentra mais no episódio do *Charlie Hebdo*, o do sociólogo Bernardo Sorj, que explica os processos em curso no Oriente Médio sob uma perspectiva histórica e da Ciência Política, e o do historiador Daniel Afonso da Silva, sobre a Líbia. Além disso, na seção “Documentos”, o discurso com que o filósofo Bernard Henri-Lévy abriu a Sessão Plena das Nações Unidas consagrada ao recrudescimento do antissemitismo lança luz sobre tema que alguns julgavam já superado na Europa, mas que os recentes incidentes citados comprovam não estar.

Dois assuntos vitais para o mundo que exigem o trabalho coletivo das nações, o comércio internacional e as mudanças climáticas, passam por momento difícil, em que as negociações para se chegar a acordos aceitáveis por todos parecem emperradas. Cada um desses processos é analisado por um artigo neste número, com enfoque no papel que o Brasil tem em ambos: o do diplomata Clodoaldo Hugueney sobre as perspectivas da Organização Mundial do Comércio para a conclusão exitosa da Rodada Doha e o do cientista político Alcindo Gonçalves sobre os avanços e impasses das vinte Conferências das Partes (COPs) e o que se pode esperar da COP 21, marcada para este ano em Paris.

Outro drama de interesse mundial é a epidemia de ebola que chegou a vários países, a partir de alguns da África. O médico José Manoel Bertolote, que trabalhou na Organização Mundial da Saúde, escreveu para esta edição artigo sobre a doença, comparando-a com outras tragédias similares que no passado exigiram esforço coletivo internacional.

No continente americano, o ano de 2014 terminou com uma nota mais positiva: o anúncio de que EUA e Cuba decidiram trabalhar em conjunto para reatar plenas relações diplomáticas, o que poderia representar o último capítulo da Guerra Fria. O historiador Luis Fernando Ayerbe, integrante do Conselho Editorial da *Revista* preparou artigo sobre esses desenvolvimentos para este número. Na seção “Documentos”, um estudo de Bernardo Sorj e Sergio Fausto sobre Cuba, publicado pouco antes do anúncio de entendimento entre Havana e Washington, mostra como estava a situação no país quando ele ocorreu.

Também em tom otimista, o Uruguai assiste em março a transmissão do cargo de presidente da República de Pepe Mujica para seu antecessor e agora sucessor Tabaré Vázquez. Um comentário sobre Mujica do diplomata Marcos Castrioto de Azambuja integra esta edição.

Uma avaliação dos efeitos do NAFTA sobre o México e do Mercosul sobre o Brasil foi feito pelo diplomata Sergio Abreu e Lima Florêncio, com a conclusão de que o México

está mais bem aparelhado para enfrentar os desafios da globalização, embora os dois países tenham problemas.

O último artigo deste número é de autoria de Fábio Albergaria de Queiroz e Eduardo Viola, e trata de analisar a contribuição de um seletivo grupo de historiadores para a construção de um pensamento latino-americano de relações internacionais.

Na seção “O Mundo na Ficção”, a economista Helga Hoffmann trata da queda do Muro de Berlim, que completou 25 anos em 2014, a partir de dois romances de Thomas Brussig, considerado um dos melhores intérpretes das transformações na Alemanha Oriental que levaram aos eventos de 1989 e do que ocorreu naquela parte do país dali em diante.

Em “Passagens”, textos de Gelson Fonseca Jr. e Alzira Alves de Abreu lembram a vida e o trabalho de sociólogo e cientista político Luciano Martins, um dos pioneiros da *Revista*, sempre empenhado em melhorá-la e membro de seu Conselho Editorial até a morte, ocorrida no final de 2014, como registrou esta Carta na edição anterior.

A seção “Livros” abre com duas resenhas do livro *Cinquenta anos esta noite – o golpe, a ditadura e o exílio*, de autoria do senador José Serra: uma do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso e outra do sociólogo José de Souza Martins. Prossegue com o comentário do jornalista Paulo Sotero para o livro *Scholars, Policymakers, and International Affairs. Finding Common Cause*, de Abraham F. Lowenthal e Mariano E. Bertucci.

Depois, outras duas resenhas sobre um mesmo livro, *Aposta em Teerã: o Acordo Nuclear entre Brasil, Turquia e Irã*, de autoria do ex-ministro das Relações Exteriores Luiz Felipe Lampreia: uma preparada pelo diplomata Marcos Castrioto de Azambuja e outra pelo jornalista Samy Adghirni, correspondente da *Folha de S. Paulo* em Teerã.

A seção se encerra com a resenha de Monica Hirst do livro *How India Became Territorial: Foreign Policy, Diaspora, Geopolitics*, de Itty Abraham, que aparece em momento particularmente oportuno, já que a Índia está sendo agora considerada como o país emergente com mais possibilidades de êxito econômico nesta segunda década do século.

Em “Documentos”, além dos textos já mencionados, estão o discurso de posse do diplomata Mauro Vieira como novo ministro das Relações Exteriores do Brasil, o agradecimento do ex-ministro Celso Lafer, presidente do Conselho Editorial da *Revista*, ao receber o título de professor emérito da Universidade de São Paulo, e o texto que fez a sua apresentação na cerimônia em que ele o recebeu, de autoria de Cláudia Perrone-Moisés, professora de Direito Internacional e Comparado da Faculdade de Direito da USP.

A partir deste número, a *Revista* conta com a colaboração de nova editora-adjunta, a jornalista Denise Chrispim Marin, uma das mais experientes e capazes especialistas em relações internacionais da imprensa brasileira, com passagem como correspondente em Washington e Buenos Aires. Ela substitui Maria Helena Tachinardi, outra expoente do nosso jornalismo na área de política externa, também com experiência como correspondente internacional, que pediu para se afastar da posição que diligentemente ocupou por muitos anos para dedicar-se a outros projetos profissionais. À Maria Helena, os nossos melhores agradecimentos e à Denise, nossas melhores boas-vindas.

Os editores